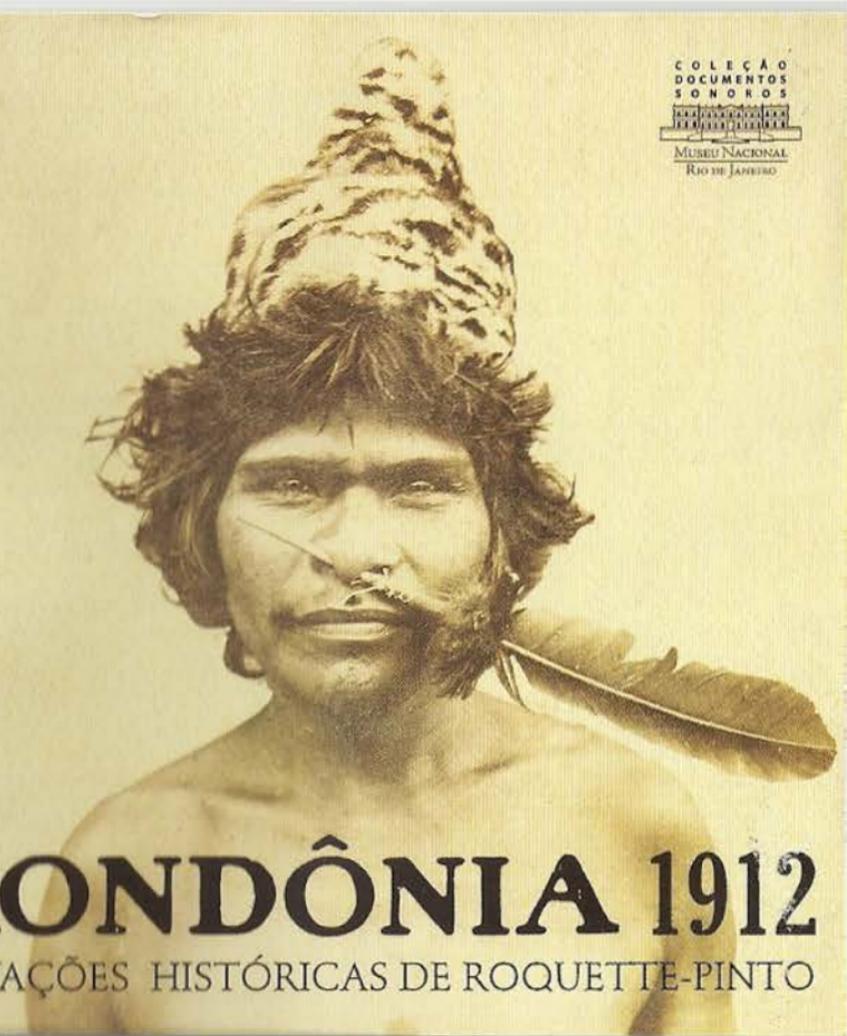




COLEÇÃO  
DOCUMENTOS  
SONOROS  
MUSEU NACIONAL  
RIO DE JANEIRO



# RONDÔNIA 1912

GRAVAÇÕES HISTÓRICAS DE ROQUETTE-PINTO

Há quase cem anos – em 1912 – foi feito um dos mais importantes registros sonoros para os estudos antropológicos em nosso país: os cantos e as músicas dos índios Parecis e Nambiquaras, na Serra do Norte, que naquela altura viviam completamente isolados, sem jamais terem visto um homem branco.

O autor das gravações foi o antropólogo Edgar Roquette-Pinto, que, a convite de Cândido Rondon, havia se somado à histórica expedição à Serra do Norte, mergulhando fundo no interior inóspito e até então praticamente desconhecido do Brasil.

Ela anotou e gravou, em cilindros de cera, com um aparelho rudimentar – o ‘fonógrafo portátil’ que se usava na época – os cânticos daqueles índios, e reuniu vastíssimo material, que ia de pontas de flechas e instrumentos do dia-a-dia dos indígenas, que hoje, ao lado de milhares de fichas com anotações e desenhos da longa viagem, se encontra no mesmo Museu Nacional do Rio de Janeiro onde Roquette-Pinto dava aulas.

Na verdade, o excepcional trabalho antropológico de Roquette-Pinto acabou sendo ofuscado, ou quase, por ele ter-se tornado conhecido como pioneiro do rádio no Brasil – mas em nenhum momento deixou de ser de importância primordial para o estudo e conhecimento do nosso país.

Agora, essas gravações essenciais para a antropologia são postas à disposição de estudiosos e do público em geral, com patrocínio da Petrobras – a maior empresa brasileira e a maior patrocinadora das artes e da cultura em nosso país.

Ao apoiar este projeto do Museu Nacional, a Petrobras reafirma, uma vez mais, seu maior compromisso: contribuir para o desenvolvimento do Brasil.

Cumprimos esse compromisso há mais de meio século, e não apenas em nossa área específica de atuação: entendemos que um país que não conhece, respeita e divulga sua cultura, sua história, dificilmente será, algum dia, uma nação desenvolvida. E entendemos também que é fundamental manter vivas as nossas origens: afinal, um povo que não conhece o próprio passado dificilmente saberá chegar ao futuro que almeja e merece.



## Apresentação

Qual a importância de hoje tornar disponível ao grande público os cânticos e músicas gravadas entre os índios da Serra do Norte por Roquette-Pinto, quase cem anos atrás? Imagino que a sensibilidade de cada um, ao ouvir tais fonogramas, crie uma identificação mágica com o contexto em que viviam (e vivem hoje, com uma população bem mais numerosa) os Parecis e Nambiquaras, e com a aventura de um seu etnógrafo. Daí virão razões novas, sentidas de maneira muito forte por cada um, que por si só dispensariam outras explicações.

Mas desde que foi iniciado esse projeto, ainda no âmbito das discussões internas do Setor de Etnologia e Etnografia (DA/MN) e do LACED, duas razões eram destacadas, e quero agora compartilhá-las com todos.

Em primeiro lugar justifica-se, por sua importância científica. O que significava ser um praticante da Antropologia na virada do século XIX? Nas duas últimas décadas do século XIX e nas duas primeiras do XX toda a atividade de investigação científica sobre as populações autóctones da América, África e Ásia estava sediada nos grandes museus etnográficos.

Dentre esses destacava-se o Museu de Berlim, criado em 1882, pela riqueza e diversidade de suas coleções, mas sobretudo pela liderança intelectual exercida por seu diretor, Adolf Bastian. O progresso industrial e financeiro dos países europeus, antes concentrado dentro de suas próprias fronteiras nacionais, volvia-se para o exterior e, na onda da expansão colonial, atingia os mais distantes rincões do planeta. Bastian argumentava a absoluta necessidade de que os cientistas se antecipassem aos processos econômicos, conseguindo estudar *in loco* as culturas que estavam ameaçadas de desaparecer, recolhendo informações de natureza mais variada possível sobre esses povos. Tornava-se urgente, acreditava-se, formar coleções etnográficas, compostas por peças únicas e preciosas, pois logo os nativos desapareceriam (ou, no mínimo, perderiam o interesse e a habilidade tecnológica para produzir tais objetos).

Nos museus, trabalhavam lado a lado com os antropólogos culturais os geógrafos, os antropólogos físicos, os arqueólogos, organizando expedições científicas dirigidas aos povos não ocidentais, elaborando monografias (descritivas ou de sistematização), estudando e classificando todo esse imenso material reunido. Não existiam pesquisas de campo individuais, nem se aprendia antropologia exclusivamente nos livros e nas salas de aula das universidades, mas sim na prática científica – interdisciplinar, colecionista e classificatória – possibilitada pelos museus.

Roquette-Pinto seguiu com absoluta coerência e competência os caminhos que lhe foram indicados por seu tempo. Primeiro, ao decidir ingressar como estagiário no Museu Nacional, uma vez concluído seu curso de medicina. Segundo, porque ainda antes de sua viagem ao campo, Roquette-Pinto já estudava as grandes coleções etnográficas de índios do Mato Grosso e do então território do Guaporé, formadas pela Comissão Rondon e enviadas ao Setor de Etnografia do Museu Nacional. Terceiro, ao aceitar o convite de Rondon e enveredar pelo interior do Brasil.

A expedição à Serra do Norte foi um empreendimento científico que merece ser comparado à viagem de Von Den Steinen ao Xingu, de Rivers e Haddon ao estreito de Torres, de Boas ao norte do Canadá. Foi realizada pouco antes do início do trabalho de Malinowski nas ilhas Trobriand (1914). Em termos de resultados apresentados, impressiona sobremaneira a diversidade de registros produzidos, abrangendo uma extensa coleção etnográfica (mais de 3000 peças destinadas ao Museu Nacional, incluindo objetos também de interesse arqueológico e botânico), fichas antropométricas (centenas), fotografias e registros sonoros. Tal como as iniciativas (acima enumeradas) que lhe eram contemporâneas, foram expedições que formaram patrimônios cognoscitivos únicos e decisivos para que a antropologia viesse a ser efetivamente a disciplina científica que conhecemos e cuja genealogia traçamos.

A segunda razão para a edição destes Documentos Sonoros é, acreditamos, o diálogo que suscitam com questões e desafios que decorrem de nossa própria contemporaneidade. O senso comum insiste em qualificar alguns trabalhos como “datados”, pretendendo limitar seu interesse e significação a um determinado período ou cultura. Ao contrário dessa leitura empobrecedora e preconceituosa, derivada

de uma história positivista da ciência, devemos ver na obra de Roquette-Pinto uma preocupação com questões universais e de interesse permanente da antropologia, em diálogo portanto com dilemas que consideramos atuais.

Nesse sentido, um aspecto a destacar seria a preocupação com a utilidade social da ciência, entendendo isso não de forma limitativa e repressora, muito menos em sua dimensão perversa e avassaladora de equivalência com um valor de mercado, mas em sua motivação mais legitimamente humanista e fraterna. Concepção que não explica apenas a intensa atividade de Roquette-Pinto como educador, mas que é essencial para a conformação de seus objetos de investigação. Na sua escrita lê-se como um subtexto um projeto para o Brasil (onde a diversidade cultural é vista como algo constitutivo), no qual a ciência (e em especial a antropologia) tem um lugar específico.

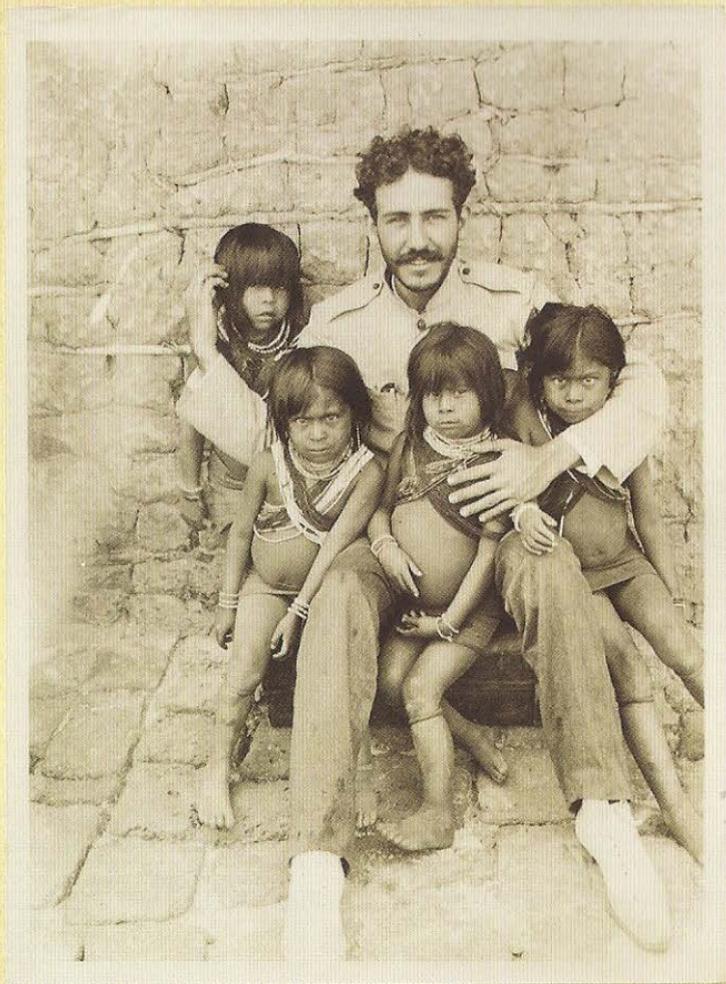
Há ainda um outro aspecto a enfatizar. Na década de oitenta do século passado, autores como G. Marcus e J. Clifford colocaram como ponto de reflexão a necessidade de os antropólogos tornarem-se conscientes da etnografia enquanto narrativa. Longe de um mero registro do observado, a escrita etnográfica é um ato criativo, operando através de metáforas iluminadoras e pleno de poética. Luiz de Castro Faria já ressaltava com muita propriedade a beleza e força dos escritos de Roquette-Pinto, impondo-se além de fronteiras, jargões ou especialidades. O que deve incentivar a retomada do estudo da obra desse autor, com leituras novas e atuais.

Disponibilizar a um público mais amplo essas gravações feitas por Roquette-Pinto é ser fiel à inspiração de produzir conhecimentos universais sem considerar como insignificantes as raízes históricas e o comprometimento ético. Em especial para nós, do Setor de Etnografia do Museu Nacional, a série Documentos Sonoros é um estímulo para enfrentar os desafios que se impõe hoje à antropologia e aos museus etnográficos, re-estabelecendo um diálogo em novas bases com as populações ali representadas.

João Pacheco de Oliveira

Professor Titular e Curador Científico do Setor de Etnologia e Etnografia, do Museu Nacional (UFRJ)





## Edgar Roquette-Pinto

---

Médico, biólogo, fisiologista, antropólogo, educador, jornalista, escritor, diretor do Museu Nacional, membro da Academia Brasileira de Letras, pioneiro do rádio e do cinema educativo no Brasil, Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) foi um dos mais conhecidos e influentes intelectuais brasileiros de todos os tempos.

Nascido no Rio de Janeiro, formou-se em medicina em 1905 e no mesmo ano começou a trabalhar como assistente da Seção de Antropologia e Etnografia no Museu Nacional. Nesta instituição, onde permaneceu por três décadas, produziu uma vasta obra, transitando por campos tão diversos como a biologia, a antropologia física, a arqueologia, a etnologia e a lingüística. Dentre seus trabalhos científicos, destacam-se diversos estudos sobre os índios brasileiros, realizados com base no acervo do Setor de Etnologia do Museu Nacional e em dados obtidos na expedição que realizou ao então território do Mato Grosso em 1912. Parte da ampla documentação reunida por Roquette-Pinto durante os cinco meses da expedição foi publicada em 1917 no livro *Rondônia*, obra que obteve grande repercussão e é um dos marcos da antropologia no Brasil.

Além da ciência, Roquette-Pinto se dedicava a muitas outras atividades. Em 1922, durante a exposição internacional que comemorava o centenário da Independência do Brasil, conheceu o rádio e tornou-se um entusiasta da nova invenção, antevendo sua utilidade como instrumento educativo. Em abril de 1923, fundou a primeira emissora de rádio do Brasil, a Rádio Sociedade do Rio de Janeiro, mais tarde incorporada ao patrimônio público com o nome de Rádio MEC. Em 1936, Roquette-Pinto deixou o Museu Nacional para fundar o Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), onde realizou, ao lado do cineasta Humberto Mauro, cerca de 300 documentários em curta-metragem.



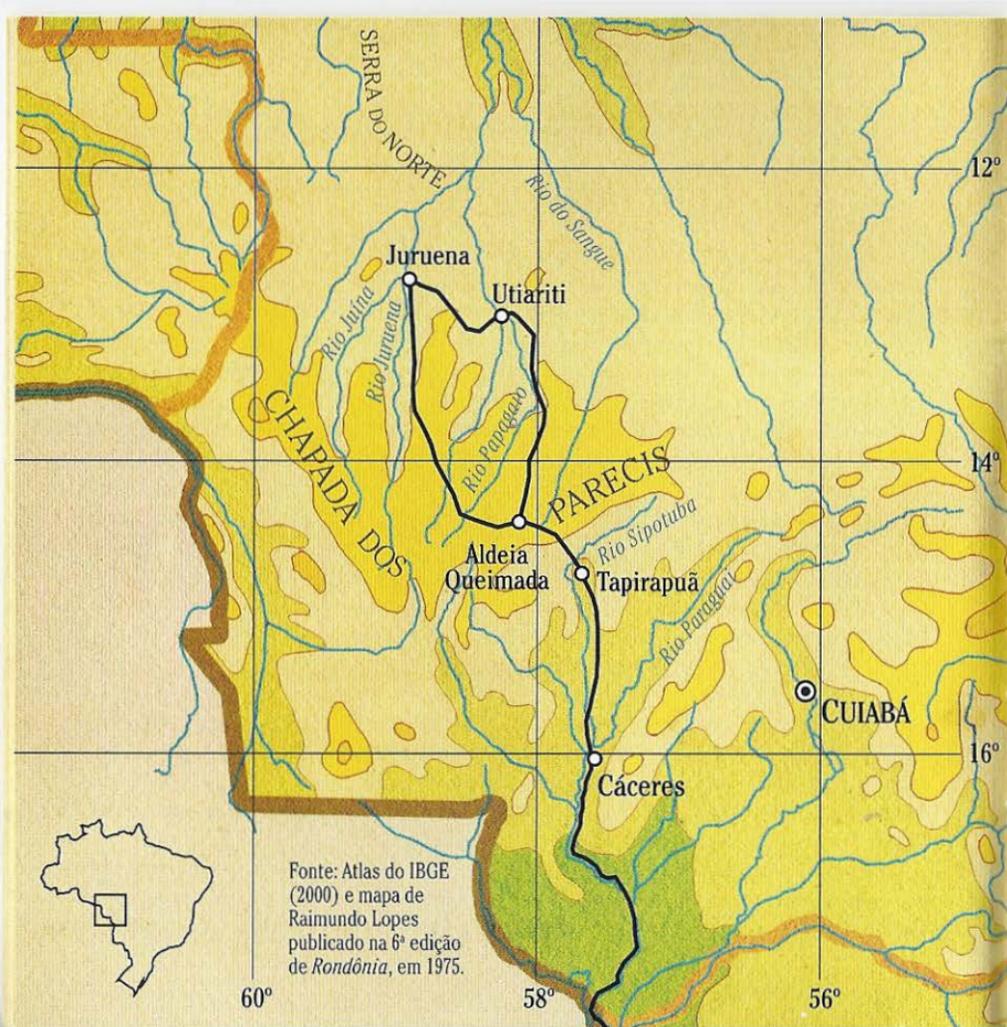
Rondon, tendo à sua esquerda Roquette-Pinto, em visita ao Museu Nacional.

Os múltiplos interesses de Roquette-Pinto e a facilidade com que transcendia as barreiras disciplinares refletem sua concepção humanista de ciência, avessa à especialização e atenta ao papel social do cientista. Pesquisador e educador de renome, foi, acima de tudo, um intelectual engajado nas questões de seu tempo, com intensa participação nos debates sobre a educação e o ensino públicos, o uso dos meios de comunicação de massa, o relacionamento com os povos indígenas e muitos outros temas. Sua trajetória reflete um certo modo de pensar e construir a nação brasileira, marcado pela crença na ciência e na educação como forças motrizes do progresso nacional.

## A Comissão Rondon e a Expedição de 1912

No final do século XIX, grandes extensões do território brasileiro continuavam inexploradas. O governo republicano, recém-instalado, preocupava-se com o isolamento dessas regiões, especialmente com as fronteiras com o Paraguai e a Bolívia. Para estimular a ocupação dos sertões brasileiros e estabelecer comunicação entre essas regiões e a então capital federal, Rio de Janeiro, o governo criou comissões de construção de linhas telegráficas. Em 1907, o então jovem oficial Cândido Mariano da Silva Rondon foi nomeado chefe da Comissão de Linhas Telegráficas e Estratégicas de Mato Grosso ao Amazonas, que ficaria conhecida como *Comissão Rondon*. Entre 1907 e 1915, Rondon comandou diversas expedições pelo território hoje ocupado pelos estados de Mato Grosso, Goiás, Amazonas, Acre e Rondônia (este último nomeado em sua homenagem, seguindo sugestão de Roquette-Pinto). As expedições tinham por finalidade principal a implantação de linhas e estações telegráficas, consolidando a comunicação por via fluvial e abrindo estradas de rodagem. A construção de estações telegráficas e as estradas que lhes davam acesso, por sua vez, eram pensadas como um estímulo para a ocupação progressiva dessas regiões, no sentido de sul para norte. Paralelamente, as expedições desempenhavam uma série de outras funções, como o reconhecimento de fronteiras, a “pacificação” de grupos indígenas (nem sempre pacífica na realidade) e a coleta de dados sobre a geografia, a biologia e a antropologia dos sertões brasileiros. Com o tempo, Rondon tornou-se figura pública de projeção nacional, personificando o avanço da “civilização” sobre as áreas mais remotas do país.

Uma das principais tarefas da Comissão Rondon foi estabelecer uma ligação por terra entre as cidades de Cuiabá e Porto Velho, “cidades antigas” de “costumes antigos”, como as descreveu Roquette-Pinto. Ao longo desse caminho, a Comissão



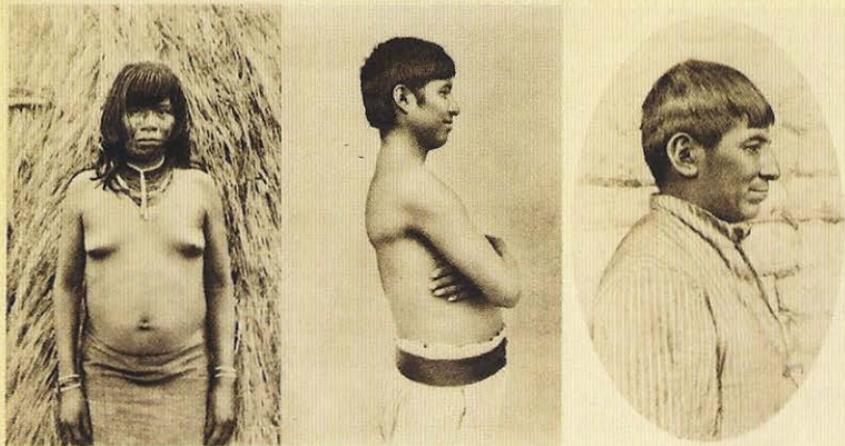
se deparou com dois grandes grupos indígenas: os Pareci e os Nambiquara. Esses dois grupos ocupavam um vasto território a noroeste de Cuiabá, especialmente duas regiões contíguas conhecidas como “Chapada dos Parecis” e “Serra do Norte”. Os Pareci tinham contato regular com não-índios desde o século XVIII e trabalhavam como guias e auxiliares da Comissão Rondon. Os Nambiquara, por sua vez, haviam sido contatados apenas a partir de 1907, e suas relações com os não-índios eram ainda bastante tensas (entre 1907 e 1913, a Comissão foi atacada diversas vezes). Tanto os Pareci quanto os Nambiquara, e especialmente esses últimos, eram considerados povos “primitivos” e “selvagens” cuja existência em plena era “moderna” era vista pelos cientistas e intelectuais da época como um anacronismo. O interesse despertado pelas pesquisas da Comissão e do próprio Roquette-Pinto pode ser creditado em grande parte ao fascínio da intelectualidade brasileira com a “descoberta” de uma “civilização fóssil no coração da América do Sul”, como as descreve o jovem médico em um trecho de *Rondônia*.

Os objetos e informações científicas reunidos pela Comissão Rondon durante suas expedições eram remetidos ao Museu Nacional, onde estão até hoje. Roquette-Pinto conta ter ficado fascinado com esse acervo e com o próprio Rondon, que conheceu em 1910 e a quem passa a chamar de “mestre” ao longo de *Rondônia*: “Quando recebi, no Museu Nacional, o primeiro material procedente dos índios da Serra do Norte, fiquei surpreso. Tudo aquilo, atestando cultura elementar, apresentava numerosos detalhes originais. As primeiras informações indicavam índios de costumes e usos diferentes de quantos haviam sido descritos naquelas paragens. Era gente estranha, envolta em lendas misteriosas. Trabalhei alguns meses, em 1910, junto a Cândido Rondon; a poesia daquelas terras remotas infiltrou-se-me no pensamento. Ouvir o mestre, era escutar a voz chamadora do sertão; sentir o rumorejo das florestas distantes.”

Atendendo a convite feito por Rondon, de quem se tornou amigo, Roquette-Pinto preparou-se para uma expedição à região que então estava sendo explorada pela Comissão. Seu objetivo principal era reunir informações sobre os Nambiquara,

os "misteriosos" índios da Serra do Norte, e ampliar a documentação já reunida pela Comissão sobre os Pareci. Em 22 de julho de 1912, partiu do Rio de Janeiro em um vapor que percorreu o litoral meridional do Brasil, penetrou no rio da Prata e subiu pelo rio Paraguai, chegando à cidade de Corumbá no início de agosto. De lá, seguiu por via fluvial até Cáceres, de onde se deslocou por terra até Tapirapuã, posto avançado de abastecimento da Comissão, perto do rio Sipotuba. Em Tapirapuã, encontrou-se com Rondon antes que este regressasse ao Rio de Janeiro, já no final de agosto.

No começo de setembro, chegou ao aldeamento de Aldeia Queimada, já no Chapadão dos Pareci: "*Keterokô* é nome pareci de Aldeia Queimada. Ao lado das casas da Comissão Rondon, os índios levantaram sua grande palhoça; lá trabalham

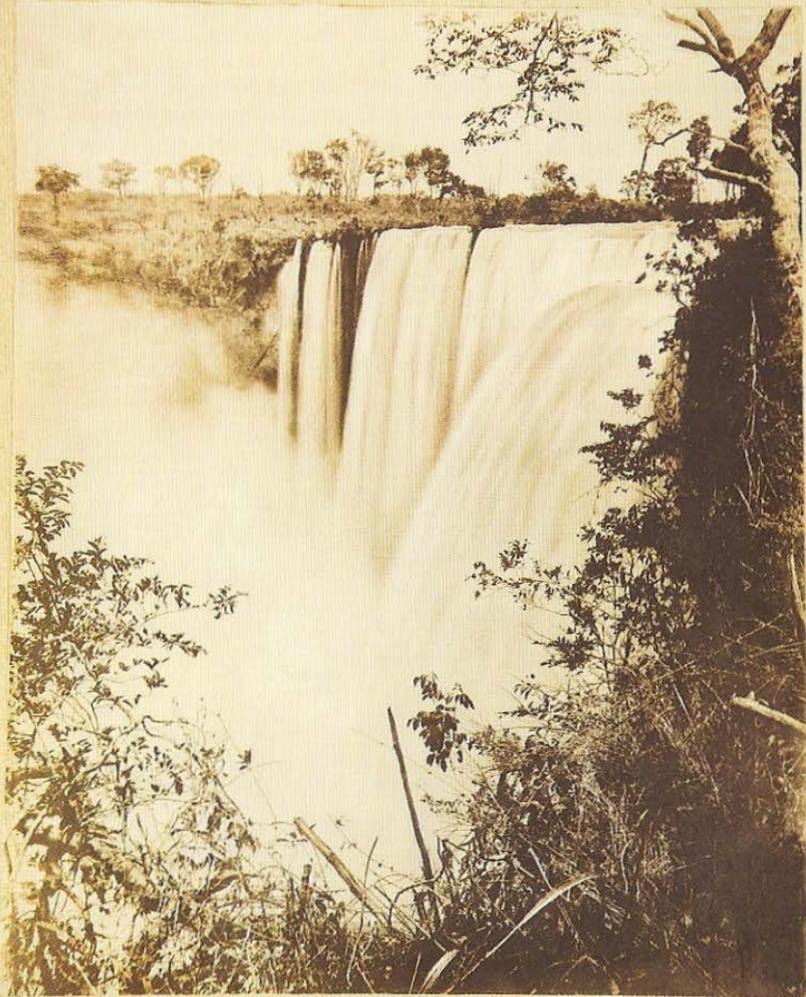


Índios Pareci de Aldeia Queimada, Mato Grosso.

as mulheres e vão dormir os homens que prestam algum serviço à linha telegráfica." Em Keterokô, recolheu informações etnográficas sobre os mais diversos aspectos da vida pareci, tais como o preparo da mandioca, técnicas de fiação e tecelagem, narrativas míticas e cantigas, gramática e vocabulário. Como parte de seus estudos de antropologia biológica, realizou também diversos exames físicos e mensurações dos indígenas. O escopo enciclopédico das pesquisas de Roquette-Pinto entre os Pareci e os Nambiquara obedecia não só à diversidade de interesses e aptidões do pesquisador, mas também ao imperativo de coletar a maior quantidade possível de dados sobre duas culturas que, na perspectiva da época, estariam fadadas a desaparecer ou se transformar radicalmente em curto prazo.



Índios Nambiquara da Serra do Norte, Mato Grosso.



Salto de  
Utiariti.  
Rio Papagaio,  
Mato Grosso.

Em meados de setembro, prosseguiu viagem e chegou ao vale do rio Jurue-  
na. Na noite de 20 de setembro, deparou-se pela primeira vez com os Nambiqua-  
ra: "Avistamos, longe, uma fogueira. Eram eles. Apressamos o passo dos nossos  
animais; e, a grande distância, começamos a gritar, para preveni-los de nossa pre-  
sença: Oh! Nen-nen! Nen-nen! (amigo! amigo!) Vieram logo, correndo e gritando;  
uns gesticulando de mãos livres, outros de cacete em punho, mas não agressivos,  
outros ainda de arco e flechas enfeixados na mão esquerda, enquanto que, com  
a direita, coçavam a cabeça, sorriam desconfiados." O impacto desse primeiro  
encontro aparece em cores vividas nas páginas de *Rondônia*: "Dormir, excitado  
por aquele quadro de mágica, desenrolado à meia-noite? Dormir naquela noite  
inesquecível em que a sorte me tinha feito surpreender, vivo e ativo, o homem  
da idade da pedra, recluso no coração do Brasil, a mim, que acabava de chegar da  
Europa, e estava ainda com o cérebro cheio do que a terra possui de requintado,  
na diferenciação evolutiva da humanidade!"

Na região de Campos Novos, onde permaneceu nas semanas seguintes, Ro-  
quette-Pinto prosseguiu seus estudos antropológicos, apesar dos índios se mostrarem pouco amistosos: "Infelizmente, em 1912, os Nambiquara ainda não se achavam bastante acostumados com a presença de estranhos naquelas serranias." Na primeira quinzena de outubro, a expedição visitou grupos Nambiquara setentrionais, que haviam sido contactados recentemente com o avanço da linha telegráfica.

Com a chegada das chuvas de outubro, Roquette-Pinto começou a viagem de retorno. Para conhecer os grupos parecidos da margem direita do rio Jurue-  
na, percorreu a picada aberta pela Comissão até o aldeamento de Utiariti, onde permaneceu por poucos dias, antes de seu retorno a Aldeia Queimada. De lá, percorreu o longo caminho de volta, concluído com sua chegada ao Rio em 26 de novembro. Na volumosa bagagem, que pesava cerca de 1.500 kg, trazia grande quantidade de anotações, croquis e fichas antropométricas, uma vasta coleção de objetos para o acervo do Museu Nacional, filmes cinematográficos, fotografias, gravações e, o mais importante para o jovem pesquisador, a satisfação de ter realizado "um sonho de estudioso".

## As Gravações

Nos dezesseis pesados volumes que levou para a expedição de 1912, Roquette-Pinto trazia alguns dos mais modernos equipamentos disponíveis à época, dentre os quais um fonógrafo portátil movido a corda. Esse aparelho, cuja tecnologia fora desenvolvida pelo norte-americano Thomas Edison no final do século XIX, permitia a gravação de até três minutos de som em pequenos cilindros de cera. Alguns pesquisadores alemães, notadamente o antropólogo T. Koch-Grünberg, já haviam registrado a música de alguns povos indígenas brasileiros nos anos anteriores. As gravações feitas por Roquette-Pinto, porém, foram os primeiros registros de música indígena feitos por um brasileiro e os primeiros a ter circulação não só entre pesquisadores, mas também entre artistas e intelectuais brasileiros interessados nas culturas indígenas.

Há poucos dados sobre as condições em que foram feitos os registros. Sabemos que as gravações de música pareci, que representam a maior parte do material gravado, foram feitas, sobretudo, nos aldeamentos de Aldeia Queimada e Utiriti. A pedido do pesquisador, os Pareci promoveram o ritual chamado *kaulolená*, em que se celebra a boa caçada bebendo *oloniti* (aguardente de milho), cantando e dançando. Roquette-Pinto registrou “as principais cantigas pareci”, como *Ualalocê* (faixas 1 e 2) e *Teiru* (faixa 8).

As gravações de música nambiquara foram feitas em contexto bastante diferente, uma vez que a relação entre índios e não-índios ainda era bastante tensa. Não foi possível aos membros da Comissão conviver intensamente com os indígenas e morar em suas aldeias, como haviam feito entre os Pareci. Ainda assim, Roquette-Pinto realizou duas gravações desse grupo, as duas partes de um mesmo canto (faixas 4 e 5), feitas com membros do sub-grupo *Kokozeu*, no aldeamento do rio Juína, entre as Estações Telegráficas do Juruena e de Campos Novos, no sopé da Serra do Norte.



Ao final da expedição, Roquette-Pinto retornou ao Rio de Janeiro com dezesseis cilindros, incorporados ao acervo do Setor de Etnologia do Museu Nacional sob os números de tombo de 14.594 a 14.607. Três cilindros continham gravações de música regional de Mato Grosso (“cantigas cuiabanás”, acompanhadas por viola de cocho e ganzá). Doze cilindros traziam gravações de música pareci e dois de música nambiquara. Além dos registros em cera, Roquette-Pinto trouxe também uma coleção de instrumentos musicais: *Ualalocê* (flauta), *Zoratealô* (flauta), *Teiru* (flauta), *Zaolocê* (flauta), *Ualaçu* (cabaça chocalho), *Zuza* (jararacas, chocalhos que se atam aos tornozelos) e *Hezô-hezô* (trombeta), todos dos Pareci; e uma flauta nambiquara, *Tsin-hali* (flauta nasal).

Tanto os fonogramas como os instrumentos musicais foram analisados e comentados brevemente em *Rondônia*. Para a transcrição e notação dos fonogramas, Roquette-Pinto contou com a colaboração do musicólogo e professor Astolfo Tavares, que também analisou as características musicais dos instrumentos recolhidos. Segundo Tavares, as flautas formam três “grupos naturais” (grave, médio e agudo), sendo consideradas pelos Pareci como uma “família”, a exemplo do contra-baixo, violoncelo e violino que integram as orquestras de cordas. Cada grupo forneceria um segmento da escala total, tomando a escala heptatônica ocidental como parâmetro:

ALTURA	ESCALA								
Grave ( <i>zoratealô</i> )	A	B	C#	D	E				
Médio ( <i>teiru</i> )		B		D	E	F	G		
Agudo ( <i>zaolocê</i> )				D		F	G	A	B

A música pareci, em termos rítmicos, seguiria os compassos binário e ternário. Nos fonogramas recolhidos por Roquette-Pinto, há também compassos alternados, cuja regularidade não é conservada em todo o trecho. O fonograma 14.605 (faixa 8) oferece um bom exemplo dessa alternância. Trata-se de um trecho em mi menor, que se inicia por três compassos binários e logo passa ao compasso ternário, retornando em seguida ao primeiro, para repetir a mesma sucessão até o fim.

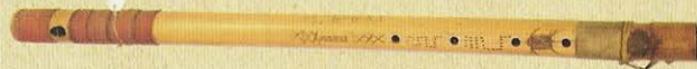
No campo da musicologia, as gravações feitas por Roquette-Pinto representaram um marco no estudo científico da música indígena brasileira. Até então, as informações disponíveis eram escassas e pouco confiáveis, baseadas em fontes de segunda mão. Os fonogramas registrados no território que seria batizado de Rondônia logo se tornaram referência para os pesquisadores, alimentando teorias e debates apaixonados sobre a natureza da música encontrada entre as populações nativas da América. Em 1938, Luiz Heitor Corrêa de Azevedo definiu essas gravações como “a mais importante e mais divulgada das contribuições brasileiras à etnografia musical ameríndia”.



*Zoratealô*



*Ualolocê*



*Zalolocê*



*Zaolocê*



*Tiriamam*



*Hezô-hezô*

Com base na audição dos cilindros, o maestro e compositor Luciano Gallet publicou em 1934 um breve texto no qual argumentava que a música dos Pareci caracterizava-se pelo emprego de intervalos diferentes dos utilizados na música ocidental, levantando a possibilidade do uso de escalas com quarto de tom e afirmando ainda que a rítmica indígena não tinha paralelo com a ocidental. Tais considerações corroboravam as teorias evolucionistas hegemônicas na musicologia daquele período, segundo as quais os povos "primitivos" se caracterizavam pelo emprego de escalas mais simples, de cinco sons (pentatônicas), ao passo que os "civilizados" apresentavam o uso de escalas mais complexas (heptatônicas), como a escala temperada. Em 1938, o musicólogo Luiz Heitor Corrêa de Azevedo, em tese dedicada à música dos índios brasileiros, contestou a análise de Gallet, afirmando a possibilidade do uso da escala heptatônica entre grupos indígenas tomando o somatório das escalas de três flautas pareci como parâmetro de extensão de escala. Sustentava ainda que a impressão de quarto de tom da audição das gravações de Roquette-Pinto devia-se apenas a desvios de afinação e portamentos entre alturas indefinidas de sons. Opinião semelhante era defendida por Mário de Andrade, que em sua obra *Compêndio de História da Música* afirma que, entre os povos "primitivos", o som fica "pouco evidente no meio dos portamentos arrastados", e declara: "verifiquei processos assim entre os índios



Chocalho de tornozelo (*Zuza*) dos índios Pareci.

brasílicos, nos fonogramas existentes no Museu Nacional".

No âmbito artístico, as gravações de Roquette-Pinto foram ao encontro do desejo modernista e nacionalista de retorno às raízes culturais do país, dando ensejo a uma série de composições musicais. Villa-Lobos fez de *Teiru* (fonograma 14.605) o primeiro dos seus *Trois Poèmes Indiens*, para canto e orquestra; e de *Ualalocê* (fonogramas nº 14.594 e 14.595) uma harmonização para canto e piano ("Ualalocê. Legende des indiens Parécis chantée et dansée pour fêter la chasse") no álbum *Musique Brésilienne Moderne* (Rio de Janeiro, 1937). As palavras deste último canto serviram a Mário de Andrade para compor um pequeno poema que Luciano Gallet musicou com o título de *Pai do Mato*, aproveitando o motivo musical pareci. Já o canto *Nozani-ná* (fonograma 14.597) foi harmonizado por Villa-Lobos (*Chansons typiques Brésiliennes depuis les chants Indiens jus'aux Chansons populaires du Carnaval Carioca harmonisées par H. Villa-Lobos*. Paris, Editions Max Eschig) e serviu de tema principal ao poema sinfônico *Imbapara*, de Oscar Lorenzo Fernandez.

Ao serem incorporados ao acervo do Setor de Etnologia do Museu Nacional, os fonogramas trazidos por Edgard Roquette-Pinto foram numerados e descritos no livro de tomo da instituição, registro pelo qual passariam a ser conhecidos. Apresentamos, a seguir, seus textos de tombamento, na grafia original, e passagens extraídas das páginas de *Rondônia*:



Flautas nasais (*Tsin-hali*) dos índios Nambiquara e cabaça chocalho (*Ualaçu*) dos índios Pareci.

## 1. Fonograma 14.594

Ualalocê – 1a parte. Chôro dos Índios Parecis de Utiariti - Matto Grosso, recolhido no phonographo pelo Dr. Roquette Pinto, 22.10.1912.



## 2. Fonograma 14.595

Ualalocê. Chôro dos Índios Parecis de Utiariti, Matto Grosso, recolhido no phonographo pelo Dr. Roquette Pinto, 22.10.1912. (2a parte).

*"Akutiá-han, nohin ôkêrê  
Ukuman uizoná nêtêu  
Niáhaká nohim-ê Kamalalô  
Motiá saiá Arití okanatiô  
Ukuialauá Kamalalô  
Kozákitá kôlôhôn unitá nêtêu  
Niahaká akaterê Kerarê*

ESTRIBILHO

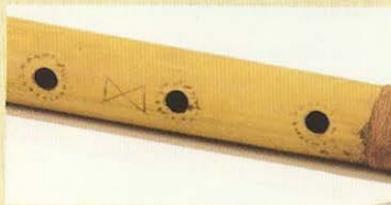
*Ha! Ha! Noáianauê! Uh!*

O ualalocê narra um episódio da índia Kamalalô. Indo passear à floresta viu um homem trepado num pé de tarumã; supondo que fosse um índio, disse-lhe:

- Arití, dá-me uma fruta de turumã.

E o homem respondeu:

- Kamalalô pensa que eu sou Arití. Eu sou pai do mato."



## 3. Fonograma 14.598

Grito do Nokanixitô - grito em duo que os Parecis soltam quando vão cortar o pau Iôhohô (fetiche) - Apanhado no phonographo em Aldeia Queimada pelo Dr. Roquette Pinto, 1912.

"O Iôhohô é fetiche que os Pareci ainda conservam muito escondido. Nada mais que uma vara nodosa, guardada religiosamente, a título de amuleto protetor, durante anos e anos. Quando muito velha, e carcomida pelos insetos, queimam-na e cortam outra; mas a procura de um novo Iôhohô é acompanhada de certas cerimônias. Enquanto o buscam na mata, e durante o trajeto até a aldeia, o Utiariti [chefe espiritual, sacerdote], e mais um companheiro, vão cantando sempre, em voz muito alta, monotonamente, duas notas em som *filado* (Fonograma 14.598)."

## 4. Fonograma 14.599

Phonogramma com o primeiro motivo do canto dos Índios Nambikuara da Serra do Norte, recolhido pelo Dr. Roquette Pinto em 1912. Grupo Kôkôzu.

Sobre esse fonograma, comenta Helza Camêu, em seu livro *Introdução ao Estudo da Música Indígena Brasileira*: "Embora não haja qualquer indicação na *Rondônia*, em 1930 Roquette-Pinto informava a autora deste trabalho que o fonograma número 14.599 era um coro de vozes graves, masculinas, que entoavam quase sempre ao entardecer."

## 5. Fonograma 14.600

Phonogramma com motivos do canto dos Índios Nambikuara da Serra do Norte. Recolhido pelo Prof. Roquette Pinto, 1912. Grupo Kôkôzu.

## 6. Fonograma 14.601

Phonogramma com a imitação do grito do utiariiti, gavião sagrado dos Índios Parecis de Aldeia Queimada, recolhido pelo Dr. Roquette Pinto, 1912.

“Fomos, alta noite, visitar a cabana; entramos sub-repticiamente e ficamos a um canto. A luz das fogueiras, subindo por entre as macas, trançadas de linhas vermelhas ou amarelas, iluminava os corpos nus, estendidos transversalmente. Numa rede, uma família inteira ressonava: pai, mãe e dois filhos, todos muito abraçados. Mais além, uma criança choramingava, ao lado de uma índia moça que a balouçava nos braços, cantando:

*Ená-môkôcê-cê-maká*

*Ená-môkôcê-cê-maká*

(Menino dorme na rede...)

E se a criança é de sexo feminino cantam:

*Uirô-môkôcê-cê-maká*

(Menina dorme na rede...).”

## 7. Fonograma 14.604

Solo de flauta dos Índios Parecis - Phonogramma recolhido pelo Dr. Roquette Pinto em 1912.



## 8. Fonograma 14.605

Phonograma com o “Kamaizokola”. Canto dos Índios Parecis, recolhido pelo Dr. Roquette Pinto, 1912.

“O *teirú* celebra a morte do cacique de Uaiuzarê-uaitekô, assassinado acidentalmente por Zalôkarê. Tahârê-Kalôrê, que presenciou o fato, compôs o *teirú* para comemorá-lo.

IATOKÊ (Fonograma 14.605)

*Natiô atiô Kamáizokolá*

*Natiô atiô ualokoná atiô*

*Natiô Kamáizokolá*

*Nêê-êná ema makoé etá*

*Nêê-êná Kamáizokolá,*

*Oné nauê kotá zanezá*

*Nêê atiô Kamáizokolá.*

O *iatokê* celebra o salto do rio Juruena, que os Pareci, numa antiga luta, conquistaram aos Uáikoákore. Kamáizokolá é o nome do referido salto:

Meu nome é Kamáizokolá

Eu sou o mesmo ualokoná

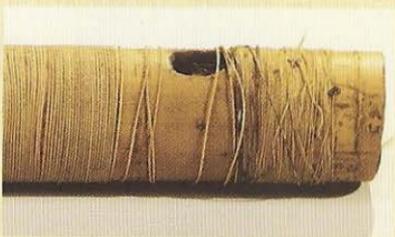
Meu nome é Kamáizokolá

Nenhum homem pode banhar-se aqui.

Eu sou Kamáizokolá.

Este rio bom é o maior de todos.

Meu nome é Kamáizokolá.”



## 9. Fonograma 14.607

Phonogramma com o “Cirá-heralô”, canto dos Índios Parecis, recolhido pelo Dr. Roquette Pinto em 1912.

## Como foi feito este CD

Os cilindros de cera gravados por Roquette-Pinto na expedição de 1912 foram trazidos para o Museu Nacional e incorporados ao acervo do Setor de Etnologia desta instituição. As únicas cópias conhecidas destas gravações foram feitas em discos de 12 polegadas pelo próprio Roquette-Pinto, em 1937, nos estúdios do Instituto Nacional de Cinema Educativo, e também integram o acervo do Setor de Etnologia.



Em 2000, quando os pesquisadores responsáveis por este projeto foram investigar a situação dos cilindros, constataram que estavam todos em péssimo estado, muitos deles rachados. Em julho do mesmo ano, convidaram o prof. Artur Simon, diretor do Phonogramm-Archiv do Museu de Etnologia de Berlim, que então se encontrava no Rio de Janeiro, para examinar os cilindros e avaliar se seria possível restaurá-los. O prof. Simon avaliou que alguns deles talvez pudessem ser copiados. Foram selecionados então quatorze cilindros, que foram enviados a Berlim em novembro de 2004 para serem restaurados e digitalizados. Infelizmente, o estado precário do material não permitiu que fossem obtidas gravações inteligíveis, pelo menos não com a tecnologia disponível hoje.

Para a edição deste trabalho utilizou-se as cópias feitas em 1937, que estavam em bom estado de conservação, embora registrem apenas parte das gravações originais (9 dos 17 fonogramas). Essas cópias contêm também breves comentários de apresentação na voz do próprio Roquette-Pinto. No primeiro semestre de 2005, os discos foram limpos e digitalizados, e o material sonoro daí resultante foi submetido a processo de edição sonora em computador, com o objetivo de remover o excesso de ruídos e chiados. No caso das duas primeiras faixas (fonogramas 14.594 e 14.595), dado o estado em que se encontravam as cópias, foi necessário um maior investimento na retirada de ruídos e na equalização para uma melhor audição do material musical. Cabe lembrar que a qualidade sonora atingida na década de 1910 pelos registros em cera era muito rudimentar, que os cilindros não foram conservados em condições ideais e que as cópias em acetato foram feitas cerca de um quarto de século depois das gravações originais. Ainda assim, é possível identificar com precisão diversas linhas melódicas, que podem ser cotejadas com a notação musical apresentada em *Rondônia*.

Por fim, ressaltamos que o caráter histórico destas gravações reside não apenas em seu valor documental, mas também em sua importância como testemunho de uma época, de um modo de fazer ciência e de pensar o Brasil, de um encontro entre culturas.

Edmundo Pereira e Gustavo Pacheco

## Rondônia 1912: Roquette-Pinto's historical recordings

### Edgar Roquette-Pinto

Physician, biologist, physiologist, anthropologist, educator, journalist, writer, director of the Museu Nacional, member of the Academia Brasileira de Letras and pioneer of radio and educative cinema, Edgar Roquette-Pinto (1884-1954) was one of the most important and influential Brazilian intellectuals of all times.

Born in Rio de Janeiro, he graduated with a degree in medicine in 1905. In that same year he started working in the Anthropology and Ethnography Section of the Museu Nacional, where he stayed for three decades. While at the Museu, Roquette-Pinto produced many scientific works, encompassing fields as diverse as biology, physical anthropology, archeology, ethnology and linguistics. Among his works there are several studies on Brazilian Indians, based on the collections of the Museu Nacional and on his own research during his 1912 expedition to what was then the Mato Grosso Territory. Part of the data gathered by Roquette-Pinto during the five-month expedition was published in the book *Rondônia* in 1917, which achieved large success and is a landmark in Brazilian anthropology.

Roquette-Pinto had many other interests besides science. In 1922, during the International Exhibition celebrating the centenary of Brazil's Independence, he was introduced to radio technology. He became very enthusiastic about the new medium, foreseeing its use as an educational tool. In April 1923, he founded the first radio station in Brazil. In 1936, Roquette-Pinto left the Museu Nacional to found the Instituto Nacional de Cinema Educativo (INCE), where he produced more than 300 short films with filmmaker Humberto Mauro.

Roquette-Pinto's many interests and the ease with which he crossed disciplinary boundaries reflected his humanist concept of science, averse to specialization

and attentive to the social role of the scientist. A renowned researcher and educator, Roquette-Pinto was above all an intellectual actively engaged with the issues of his time, such as public education, the use of the mass media and the relationship with indigenous peoples. His trajectory reveals a distinctive way of thinking and building the Brazilian nation, based in the belief that science and education were driving forces for the national progress.

### The Comissão Rondon and the 1912 Expedition

By the end of the 19th century, large areas of Brazilian territory were still unexplored and unknown. The republican government that replaced the monarchy in 1889 was concerned with the isolation of vast regions from the nation, including the borders with Paraguay and Bolivia. To occupy the Brazilian backlands and to establish regular communication of those regions with Rio de Janeiro, which was then the capital of the country, the federal government created several commissions for the construction of telegraphic lines. In 1907, Army officer Cândido Mariano da Silva Rondon was appointed chief of the Commission of Telegraphic and Strategic Lines from Mato Grosso to Amazonas, later known as *Comissão Rondon*. Between 1907 and 1915, Rondon led several expeditions through the area occupied today by the states of Mato Grosso, Goiás, Amazonas, Acre and Rondônia – this last one named after him, a tribute suggested by Roquette-Pinto. The main purpose of these expeditions was to build telegraphic lines and stations as well as access roads. At the same time, the Comissão fulfilled several other functions, such as consolidating national borders, “pacifying” Indian tribes (not always a pacific process) and gathering biological, geographical and anthropological data. With the passage of time, Rondon became a public figure of national standing, personifying the advancement of “civilization” to the remotest areas of Brazil.

One of the major tasks of the Comissão Rondon was the construction of a road between Cuiabá and Porto Velho, cities which until then were accessible only by river. In doing so, the Comissão met with two major indigenous groups: the Pareci and the Nambikwara. These groups occupied a vast territory northwest of Cuiabá, especially two areas known as *Chapada dos Parecis* and *Serra do Norte*. The Pareci had had regular contact with non-Indians since the 18th century and served as guides and workers to the Comissão. The Nambikwara, however, had been contacted recently, in 1907, and their relationship with non-Indians was still tense (as late as 1913, the Nambikwara still raided Comissão encampments). Both groups, and especially the Nambikwara, were considered to be "primitive" and "savage" peoples, whose existence in the "modern" age was seen as an anachronism. The attention attracted by the Comissão and Roquette-Pinto's research can be partially credited to the infatuation of Brazilian scientists and intellectuals with a "fossil civilization in the heart of South America", to quote a passage from *Rondônia*.

The objects and data gathered by the Comissão Rondon were shipped to the Museu Nacional, where they remain. Roquette-Pinto was fascinated with the collections and with Rondon himself, whom he met in 1910. After an invitation by Rondon, who had become his friend, Roquette-Pinto prepared an expedition for the region, which was then being explored by the Comissão. His main goal was to gather information on the little-known Nambikwara and to expand the data already collected by the Comissão on the Pareci. On July 22, 1912, he left Rio de Janeiro in a ship that took him down the Brazilian coast to the River Plate estuary and up the Paraguay River until the city of Corumbá, where he arrived in the beginning of August. From there, Roquette-Pinto went by river to Cáceres, from where he traveled by land to Tapirapuã, an advanced post of the Comissão near the Sipotuba river, where he met with Rondon for a few days.

In the beginning of September, Roquette-Pinto arrived at the Aldeia Queimada (Keterokô) in the beginning of September, a village inhabited by Pareci Indians and members of the Comissão, in the Chapada dos Parecis. There he collected ethnographic data on several aspects of Pareci life, such as the preparation of manioc, weaving techniques, mythical narratives, songs, grammar and vocabulary. As part of his studies in biological anthropology, he also undertook physical exams and measurements from the Indians. The encyclopedic range of Roquette-Pinto's research among the Pareci, and later the Nambikwara, was due not only to his many interests and abilities, but also to the goal of collecting the largest possible amount of information about two cultures that, from his perspective, were bound to disappear or to change dramatically in the short term.

By mid-September, Roquette-Pinto reached the valley of the Juruena River. On the night of September 20th, he finally contacted the Nambikwara, a thrilling encounter given the Indians' ambivalence and the researcher's excitement for having met at last "stone age men". In the Campos Novos region, where he stayed during the following weeks, Roquette-Pinto continued his research, although the Indians were not always friendly and their compliance had to be bought with gifts. In the first half of October, the expedition visited the northern Nambikwara groups who had been contacted recently with the advance of the telegraphic lines.

Roquette-Pinto started the long journey back home with the arrival of the October rains. To meet the Pareci groups from the right margin of the Juruena River, he followed a trail opened by the Comissão, which led to the Utiariti village, where he stayed for a few days until his return to Aldeia Queimada. From there, Roquette-Pinto proceeded back, arriving in Rio de Janeiro on November 26th. In his luggage, which weighted more than 1.500 kg, he brought a vast amount of field notes, drawings, anthropometrical records, a large collection of objects, movies, photographs and recordings, and the joy of having achieved "a scholar's dream".

## The Recordings

In the 1912 expedition, Roquette-Pinto used some of the most up-to-date equipment available at that time, including a portable Edison phonograph, which recorded up to three minutes of sound on wax cylinders. Some German researchers, notably T. Koch-Grunberg, had already recorded the music of Brazilian Indians in the preceding years. Roquette-Pinto's recordings, however, were the first sound documents of Brazilian indigenous music made by a Brazilian, and the first ones to reach a wider audience of scientists, artists and intellectuals.

There is scarce information concerning the conditions in which the recordings were made. We know that most of the Parecí's music, which form the majority of the collection (tracks 1 to 3 and 6 to 9), was probably recorded in the villages of Aldeia Queimada and Utiariti, where the Parecí were friendly and members of the Comissão Rondon were available to help as mediators. The recordings of Nambikwara music were made in a different context, since the relationship between Indians and non-Indians was still tense. Nonetheless, Roquette-Pinto managed to record two parts of a song (tracks 4 and 5) with members of the Kokozu sub-group, in the River Juína village, between the telegraphic stations of Juruena and Campos Novos, in the Serra do Norte.

Roquette-Pinto returned to Rio de Janeiro with seventeen wax cylinders. Three of those with regional music of Mato Grosso, twelve with Parecí music, and two cylinders contained Nambikwara music. Roquette-Pinto's recordings were a landmark for the scientific study of Brazilian indigenous music and quickly became a reference – musicologist Luiz Heitor Corrêa de Azevedo considered them “the most important and well-known Brazilian contribution to Amerindian musical ethnography” at the time. In the artistic field, the recordings were received in the context of a modernist and nationalist search for Brazil's cultural roots and provided the inspiration for a series of musical works. Villa-Lobos transformed the song *Teiru* (phonogram 14.605) into the first of his *Trois Poèmes Indiens* for voice and orchestra.

*Ualalocê* (phonograms 14.594 and 14.595) was arranged for voice and piano (“Ualalocê. Legende des indiens Parécis chantée et dansée pour fêter la chasse”) in his album *Musique Brésilienne Moderne* (Rio de Janeiro, 1937). Mário de Andrade used the lyrics of the latter in a short poem that Luciano Gallet set to music under the title *Pai do Mato*, using the Parecí musical motif. The song *Nozani-ná* (phonogram 14.597) was arranged by Villa-Lobos (*Chansons typiques Brésiliennes depuis les chants Indiens jus'aux Chansons populaires du Carnaval Carioca harmonisées par H. Villa-Lobos*. Paris, Editions Max Eschig) and provided the main theme for the symphonic poem *Imbapara*, by Oscar Lorenzo Fernandez.

## How this CD was made

The wax cylinders recorded by Roquette-Pinto were brought to the Museu Nacional and kept in the collections of the Ethnology Sector. The only known copies of these recordings were made by Roquette-Pinto himself in 12-inch records, in 1937. In 2000, we investigated the conditions of the cylinders and found that they had been badly kept. In the same year, Professor Artur Simon, then director of the Phonogramm-Archiv of Berlin, visited the Museu Nacional, examined the cylinders and estimated that some of them could be copied. Fourteen cylinders were selected and sent to Berlin in November of 2004. Unfortunately, given the cylinders advanced stage of deterioration, they could not be digitalized, at least not with the technology available today. For that reason, we were only able to use the 1930's material in the CD (9 out of 17 cylinders). In these 12-inch copies, Roquette-Pinto offers short commentaries about the recordings. In the first semester of 2005, they were cleaned, copied, and submitted to digital editing. It is worth noting that the sound quality of the cylinders is rudimentary, that the cylinders were stored improperly for decades, and that the copies were made a quarter of century after the original recordings. Nonetheless, it is still possible to discern melodies and rhythms. The historical value of these recordings rests not only in their relevance as a document, but also in their importance as a product of an Epoch, as a way of making science and conceiving the Brazilian nation.

## Ficha Técnica

### Pesquisadores:

Edmundo Pereira e Gustavo Pacheco

### Produção:

Edmundo Pereira e Gustavo Pacheco

### Museóloga:

Fátima Nascimento

### Edição e Masterização:

Oswaldo Vidal, Edmundo Pereira e Gustavo Pacheco

### Fotografias:

Felipe Varanda e Acervo do Setor de Etnologia do Museu Nacional/UFRJ

### Projeto gráfico:

Caco Chagas

### Versão para o inglês:

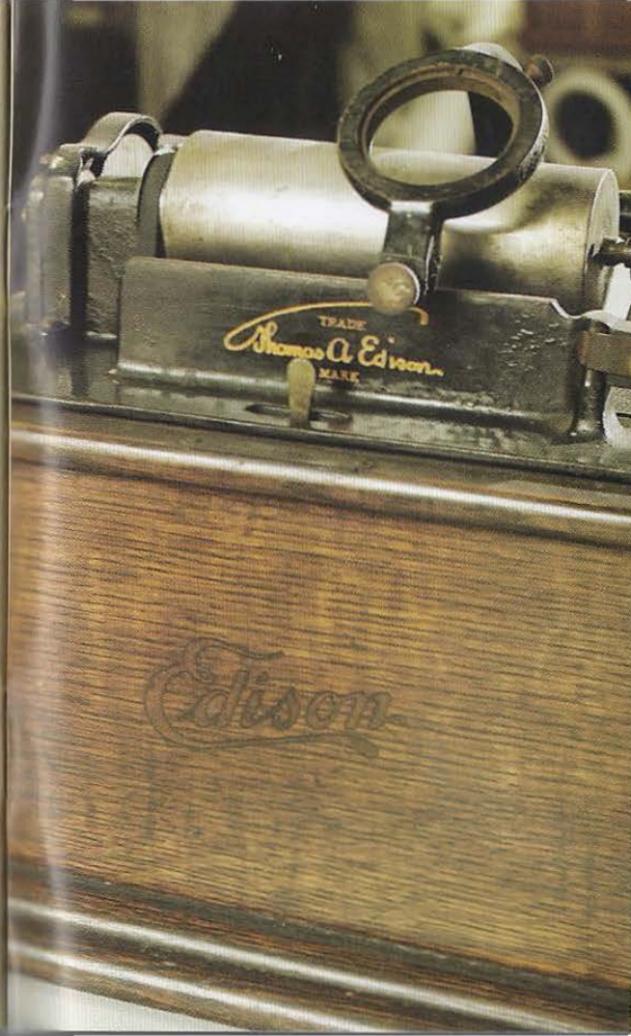
Gustavo Pacheco

---

## Agradecimentos

Adriana Schneider Alcore; Dr. Artur Simon, Dra. Susanne Ziegler e Albrecht Wiedmann (Berliner Phonogramm-Archiv), Dominichi Miranda de Sá, Lars Koch, Arquivo da Academia Brasileira de Letras, Michael Deibert, Pedro Ernesto Ventura e Ana Paula Soares Pacheco (Setor de Etnologia, Museu Nacional/UFRJ), Dr. Friedhelm Schwamborn (Deutscher Akademischer Austausch Dienst), José Carlos Levinho (Museu do Índio), Associação Cultural Caburé e Angela Torresan.

[www.laced.mn.ufrj.br](http://www.laced.mn.ufrj.br)



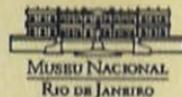
COLEÇÃO  
DOCUMENTOS  
SONOROS

### Editores:

Edmundo Pereira

Gustavo Pacheco

### Realização



**Diretor do Museu Nacional:**  
Sérgio Alex Kugland de Azevedo



### Coordenadores:

João Pacheco de Oliveira  
Antônio Carlos de Souza Lima



Fundação Universitária  
José Bonifácio

### Patrocínio



PETROBRAS